



Jornal Negócios

23-07-2019

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Negócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 12747

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 1355 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/30



NOURIEL ROUBINI
A grande falcatrua das criptomoedas

OPINIÃO 30

PROJECT SYNDICATE

© Project Syndicate, 2019
www.project-syndicate.org



NOURIEL ROUBINI

Professor de Economia na Stern School of Business, da Universidade de Nova Iorque, e CEO da Roubini Macro Associates

A grande falcatrua das criptomoedas

Há um bom motivo para todos os países civilizados do mundo regularem de forma apertada o seu sistema financeiro. A crise financeira global de 2008, afinal de contas, resultou em grande medida da desregulação financeira. Corruptos, delinquentes e burlões são um facto da vida e nenhum sistema financeiro pode funcionar adequadamente se não proteger os investidores daquele tipo de indivíduos.

Por isso é que há regulações que exigem que os instrumentos financeiros estejam registados; que as atividades de prestação de serviços monetários sejam sujeitas a uma licença; e que se cumpram as normas de combate ao branqueamento de capitais ("anti-money-laundering" - AML) e de "verificação da identidade do cliente" ("know your customer" - KYC) de modo a evitar a evasão fiscal e outros fluxos financeiros ilícitos; e que as entidades gestoras de fundos estejam ao serviço dos interesses dos seus clientes. Atendendo a que estas leis e disposições regulamentares protegem os investidores e a sociedade, os custos associados à sua aplicação e ao seu cumprimento são razoáveis e adequados.

Mas há atividades financeiras que escapam ao regime regulatório atual. Todos os dias se lançam e negociam criptomoedas fora do âmbito da supervisão financeira oficial e publicitando a ausência de custos de cumprimento normativo como um fator de eficiência. Resultado: o mundo das criptomoedas converteu-se num casino desregulado onde abundam práticas delitivas sem qualquer controlo.

Não se trata de uma mera conjuntura. É possível que alguns dos grandes intervenientes do mundo das criptomoedas estejam abertamente implicados na ilegalidade sistemática. Tomemos o exemplo da BitMEX, uma bolsa não regulada de criptoderivados, avaliada em um bilião de dólares, domiciliada nas Seychelles mas ativa em todo o mundo. O seu CEO, Arthur Hayes, vangloria-se publicamente do mo-

delo económico desta bolsa, que consiste em revender criptoderivados com um rácio de alavancagem de 100 para 1 a "apostadores empedernidos" (ou seja, investidores do retalho desinformados).

Sejamos claros: com uma alavancagem de 100 para 1, mesmo uma variação de 1% no preço dos ativos pode desencadear um pedido de reposição da margem que deixará o investidor sem um centímo. Pior ainda, a BitMEX cobra elevadas comissões por cada compra ou venda dos seus instrumentos tóxicos, e ainda leva mais uma fatia do bolo ao ficar com as economias dos seus clientes para aprovisionar um "fundo de liquidação", provavelmente muito superior ao necessário para fazer face ao risco de contrapartida. Não é de estranhar que, segundo uma investigação independente, as operações de liquidação tenham provavelmente representado metade das receitas da BitMEX.

Pessoas com acesso privilegiado à BitMEX revelaram-me que esta criptobolsa é diariamente utilizada para o branqueamento de capitais em grande escala, seja por parte de terroristas ou por parte de delinquentes na Rússia, no Irão e noutras regiões do mundo. A plataforma BitMEX nada faz para o impedir, já que beneficia com estas transações.

E como se isso não bastasse, a BitMEX dispõe também da sua própria mesa de negociação (com fins lucrativos, ou seja, supostamente para fins de "criação de mercado"), que está acusada de aproveitar o acesso a informação privilegiada para operar contra os seus próprios clientes. Arthur Hayes nega estas acusações, mas, como a BitMEX está totalmente desregulada, não há auditorias independentes às suas contas e, por conseguinte, não há forma de saber o que sucede por detrás do pano.

De qualquer das formas, sabemos que a BitMEX contorna as disposições regulamentares contra a lavagem de dinheiro, bem como as

que dizem respeito à verificação da identidade dos clientes. Apesar de a bolsa dizer que não representa os interesses de investidores americanos ou britânicos, que estão sujeitos a essas regulações, o seu método de "verificação" é no mínimo falível, uma vez que assenta no controlo do endereço de IP, que pode ser facilmente mascarado com uma simples aplicação de rede virtual privada. Esta ausência de verificação aprofundada constitui uma violação flagrante das leis e das regulações para os valores mobiliários. Hayes chegou mesmo a desafiar abertamente quem quer que seja a tentar processá-lo nas Seychelles, onde a regulamentação é inexistente, sabendo muito bem que opera à margem de leis e regulações.

Em inícios deste mês, quando de um debate que tive com Hayes em Taipé, expus as suas atividades fraudulentas. Mas eu não sabia que ele tinha comprado aos organizadores do evento os direitos exclusivos da gravação de vídeo, e recusou durante uma semana difundi-lo na íntegra: em vez disso, publicou "momentos destacados", escolhidos por ele, para dar a impressão de que tinha vencido o debate. Ainda que esta atitude fosse de esperar, já que é prática corrente por parte dos cripto-escoques, acaba por ser irónico que alguém que diz representar a "resistência" contra a censura se torne no "pai dos censores" quando alguém revela a sua falcatrua. Por fim, perante as críticas públicas por parte dos seus próprios partidários, Hayes teve de ceder e publicou o vídeo completo.

No mesmo dia do nosso debate, a Autoridade de Conduta Financeira do Reino Unido propôs a proibição total da venda de cripto-investimentos de alto risco no retalho. Mas sem uma resposta concertada das autoridades, quem emite estes instrumentos continuará a seduzir e a burlar os pequenos investidores. Nos mercados de criptomoedas abundam as práticas de manipulação de pre-

ços, onde se inclui a sobrevalorização de ativos através da divulgação de informação distorcida (pump-and-dump), a compra e venda simultânea para gerar atividade artificial (wash trading), a colocação de ordens fictícias (spoofing), abuso de informação privilegiada, etc. Segundo um estudo, até 95% de todas as transações em bitcoin são falsas, o que indica que a fraude não é a exceção mas sim a regra.

Não é, pois, de surpreender que um mercado não regulado se converta no campo de jogo dos charlatões, delinquentes e vendedores de banha da cobra. A negociação de criptoderivados criou uma indústria multimilionária, que não só inclui os próprios mercados de transação como também propagandistas disfarçados de jornalistas, oportunidades que maquillam os seus livros de conselhos financeiros para venderem "shitcoin" ("moeda de pacotilha") e lobistas em busca de isenções regulatórias. Por detrás de tudo isso há um novo negócio delituoso capaz de envergonhar a Cosa Nostra.

Já é hora de os organismos regulatórios dos Estados Unidos e de outros países intervirem. Até agora, os reguladores estiveram distraídos enquanto o criptocanro se metatizava. Segundo um estudo, 80% das "ofertas iniciais de moedas" em 2017 foram burlas. No mínimo, há que investigar Arthur Hayes e todos os que presidem a estas mesmas falcatruas em paraísos fiscais - isto antes de eles burlarem e arruinarem mais alguns milhões de pequenos investidores. Até o secretário norte-americano do Tesouro, Steven Mnuchin - que não é partidário da regulação financeira -, concorda que não se pode deixar que as criptomoedas se convertam no "equivalente às contas secretas numeradas" que durante muito tempo foram da exclusividade de terroristas, mafiosos e outros criminosos. ■

Tradução: Carla Pedro

Até agora, os reguladores estiveram distraídos enquanto o criptocanro se metastizava.